

## **O IMPACTO DO DIAGNÓSTICO DO TRANSTORNO ESPECTRO AUTISTA NA FAMÍLIA**

Aline Correia de Souza<sup>1</sup>, Valéria Dalvi Valt<sup>1</sup>, Yasmim Silveiras Neves<sup>1</sup>, Marco Antônio Jonath Marbach<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Acadêmicas de Psicologia - Multivix São Mateus (ES)

<sup>2</sup>Especialista em Psicoterapia Comportamental/Docente - Multivix São Mateus (ES)

### **RESUMO**

O estudo analisa o impacto do diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) na dinâmica familiar, ressaltando a importância do suporte emocional e da intervenção precoce. O objetivo é descrever como o diagnóstico afeta as famílias, os desafios que enfrentam e a necessidade de acompanhamento profissional especializado. A metodologia utilizada inclui uma análise qualitativa das experiências familiares e uma revisão da literatura sobre o tema. Os resultados mostram que o diagnóstico de TEA gera diversas adaptações e desafios para os membros da família, especialmente para os pais, que frequentemente lidam com sobrecarga emocional e física. A pesquisa destaca a necessidade de suporte contínuo por uma equipe multidisciplinar, envolvendo profissionais de saúde e da educação, para auxiliar as famílias na adaptação à nova realidade. Além disso, o trabalho enfatiza que a aceitação do diagnóstico e o acesso a informações adequadas são fundamentais para que os pais desenvolvam estratégias saudáveis de enfrentamento. Conclui-se que a inclusão de crianças com TEA na sociedade deve ter início no ambiente familiar e deve ser apoiada por políticas públicas eficazes e educação inclusiva. A colaboração entre esforços individuais, comunitários e governamentais é crucial para garantir que as famílias recebam o suporte necessário, promovendo o desenvolvimento positivo das crianças e o bem-estar familiar ao longo desse processo. Assim, a abordagem integrada e o suporte contínuo são essenciais para enfrentar os desafios trazidos pelo diagnóstico do TEA, assegurando que as famílias possam prosperar.

Palavras-chave: autismo; diagnóstico; suporte familiar.

## **ABSTRACT**

The study analyzes the impact of the diagnosis of Autism Spectrum Disorder (ASD) on family dynamics, highlighting the importance of emotional support and early intervention. The objective is to describe how the diagnosis affects families, the challenges they face, and the need for specialized professional support. The methodology used includes a qualitative analysis of family experiences and a review of the literature on the subject. The results show that the diagnosis of ASD generates several adaptations and challenges for family members, especially for parents, who often deal with emotional and physical overload. The research highlights the need for continuous support from a multidisciplinary team, involving health and education professionals, to help families adapt to the new reality. In addition, the work emphasizes that acceptance of the diagnosis and access to adequate information are essential for parents to develop healthy coping strategies. It is concluded that the inclusion of children with ASD in society must begin in the family environment and must be supported by effective public policies and inclusive education. Collaboration between individual, community and government efforts is crucial to ensure that families receive the support they need, promoting positive child development and family well-being throughout this process. Thus, an integrated approach and ongoing support are essential to address the challenges brought on by an ASD diagnosis, ensuring that families can thrive.

Keywords: autism; diagnosis; family support.

## **1 INTRODUÇÃO**

O Transtorno do Espectro Autista é um transtorno do desenvolvimento neurológico caracterizado pela dificuldade de comunicação e interação social, sendo uma condição que, em maior parte dos casos surgem na infância, afetando o neurodesenvolvimento da criança e apresentando características como, respostas repetitivas, dificuldade na linguagem verbal e não verbal e prejuízos de cognição. Portanto, existem diferenças nos níveis do autismo, pois cada criança apresenta características únicas, sendo importante conhecer suas necessidades de forma individualizada (Gaiato;Teixeira, 2018).

Existem diversas definições do autismo, que variam de pessoa para pessoa, pois cada um apresenta características específicas, ou seja, nenhum autismo é igual ao outro. Os casos vão dos mais leves aos mais severos e o momento da descoberta é muito relevante para o tratamento. Quanto mais cedo possível o diagnóstico for fechado, melhor será a assertividade e eficácia da terapia. O apoio e compreensão/aceitação da família são fundamentais durante todo o processo, tanto no diagnóstico como durante o tratamento. (Lindolfo, 2022, p. 7)

Muitas vezes a negação do diagnóstico do TEA refere-se ao medo de como essa criança vai ser vista por outras pessoas, a falta do conhecimento do TEA faz com que os pais não saibam o que fazer e os caminhos a seguir, então é comum a família se deparar com um mundo desconhecido de informações e se sentirem perdidos com a realidade diagnóstica. Contudo, é muito importante que a família esteja atenta aos sinais que a criança apresenta na infância e busque por profissionais que vão auxiliar e dar um bom suporte tanto para a criança quanto para a família nesse momento de adaptação.

A pesquisa enfatiza a importância do diagnóstico precoce, que possibilita intervenções mais eficazes e melhora as chances de desenvolvimento da criança, conforme mencionado por Russo (2023), ao afirmar que "quanto mais cedo a criança estiver em tratamento, maiores as chances de melhoras em alguns aspectos no seu desenvolvimento". Além disso, o trabalho aborda a necessidade de um suporte emocional robusto para as famílias, uma vez que a negação do diagnóstico muitas vezes está ligada ao medo da percepção social, como observado por Lindolfo (2022).

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo geral descrever sobre o autismo na questão familiar, o impacto para a família ao receber o diagnóstico, o processo de não-aceitação, o luto, a importância do acompanhamento profissional especializado, a importância do suporte familiar ao noticiar, pois muitas vezes, essa informação chega de uma forma negativa para a família, gerando também uma reação negativa, e descrever sobre os desafios enfrentados no convívio com a criança autista.

O trabalho foi desenvolvido por meio de uma revisão bibliográfica, qualitativa e descritiva, sendo assim, foram escolhidos artigos com maior relevância e com pertinência relacionados unicamente à temática do estudo. O qual, visa compreender o impacto do diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista na família.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 AUTISMO: BREVE HISTÓRICO E COMPORTAMENTOS

O termo “autismo” foi utilizado pela primeira vez em 1906 por Prouller que falava sobre alguns sinais de demência, já Breuller definiu o termo como sintomas e características de esquizofrenia, porém, os primeiros olhares sobre o autismo foram a partir dos estudos de Leo Kanner em 1943. Leo Kanner com seus estudos baseados na psiquiatria trouxe o termo como um novo quadro nosológico, sendo assim, foi se aprofundando a partir de sintomas apresentados, comportamentos e formas de tratamentos entre os pesquisadores (Baptistofi, 2023).

De acordo com Prista (2014, p. 4)

A palavra autismo é oriunda da palavra grega “autos” que significa “si mesmo”. Esta noção deu base para grandes distorções que persistem até os dias atuais. Na direção paradigmática assumida consideramos que antes de 1943 temos um momento significativo quando o autismo era considerado um sintoma extremo de alienação dos casos de esquizofrenia. Há nos estudos psiquiátricos da época de 1906 citações da palavra autismo referindo-se a psicoses e esquizofrenia citadas por Plouller e em 1911 por Bleuler quando referia-se aos casos com limitações nas relações sociais.

O Manual Diagnóstico e Estático de Transtornos Mentais ou DSM-5, lançado em 2014, trouxe algumas mudanças significativas nos critérios diagnósticos do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Antes, havia condições classificadas de forma separada, como o autismo, a Síndrome de Asperger e o Transtorno Invasivo do Desenvolvimento. Porém, com o DSM-5, todas essas condições foram unificadas sob o termo "Transtorno do Espectro Autista", reconhecendo que estão interligadas, mas que se manifestam de maneiras diferentes em cada pessoa.

O transtorno do espectro autista é um novo transtorno do DSM-5 que engloba o transtorno autista (autismo), o transtorno de Asperger, o transtorno desintegrativo da infância, o transtorno de Rett e o transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação do DSM-IV. Ele é caracterizado por déficits em dois domínios centrais: 1) déficits na comunicação social e interação social e 2) padrões repetitivos e restritos de comportamento, interesses e atividades (Apa, 2014, p. 853).

Klin (2006) explica sobre o autismo ao longo do tempo, neste caso, traz sobre o DMS-3, publicado em 1980, onde não havia o “espectro”, o autismo foi classificado dentro do grupo (TID), conhecido como Transtornos Invasivos do Desenvolvimento, dessa forma, a ideia de “espectro” não existia, e tal mudança trouxe um grande

impacto para a compreensão do transtorno, para o diagnóstico e na maneira como é compreendido atualmente (Klin, 2006).

A partir do DSM-5 que surgiu o “Espectro”, reunindo várias possibilidades de diagnóstico em apenas uma condição, dessa forma, os sintomas que antes eram classificados como transtornos separados, agora são entendidos como parte de um espectro contínuo, e o DSM-5 e DSM-5-TR continuou mantendo os sintomas e graus de severidade iguais, sendo basicamente os mesmos sintomas, não havendo mudanças nesta questão, também são abordadas mudanças na linguagem visando tornar a comunicação mais precisa, por exemplo: o uso da palavra “déficit” não foi totalmente eliminado do DSM-5, mas o DSM-5-TR traz sobre as mudanças na linguagem e os termos a utilizar, sendo eles: em relação à comunicação e comportamentos restritivos e repetitivos, especificar como “com ou sem comprometimento intelectual concomitante ou de linguagem concomitante”, também houve mudanças no critério A, especificando “conforme manifestado pelo que segue” para “conforme manifestado por todos os seguintes”, sendo utilizado também com bastante frequência o termo “dificuldades”, em relação aos comportamentos ou comunicação. (Klin, 2006).

A obra “Outra sintonia – A história do autismo” escrita pelos jornalistas John Donvan e Caren Zucker, traduzido e publicado em 2017 no Brasil, descreve sobre a obra “In a different key”, que retrata alguns casos de autismo, sobre a dificuldade de inclusão na educação, mudanças de comportamentos e toda a história e movimentos, sendo o primeiro caso diagnosticado de Transtorno Espectro Autista, o Donald Grey Triplett, nascido em 1933, foi diagnosticado aos 3 anos. Ele não correspondia quando o chamavam, repetia as coisas e não interagia com as outras crianças, sendo assim, com esses comportamentos notáveis, seus pais buscaram um especialista. Porém, Donald possuía uma boa memória, decorava rápido as coisas e os nomes de suas irmãs, mas decorava os nomes de acordo com cores de frascos (John; Zucker, 2017).

Ainda conforme a obra do caso de Donald, os autores trouxeram que ele demonstrava pouco interesse pelo mundo exterior, nesse sentido, não demonstrava afeto pelos pais e não dava tanta importância para algumas situações pontuadas, como: quando seus pais chegavam do trabalho, não havia entusiasmo ao vê-los como as outras crianças sentem ao ver seus pais voltando do trabalho ou ao ver o Papai Noel na data comemorativa de Natal, e trazem também que Donald apresentava

comportamentos agressivos quando era interrompido na realização de alguma atividade em casa, sendo esses alguns dos comportamentos notados pelos pais (John; Zucker, 2017).

Segundo o Ministério de Saúde (2015), em relação à linha de cuidado para atenção às pessoas com TEA, vem trazendo algumas características comportamentais importantes para investigar:

Algumas características, apesar de não específicas para identificação do risco dos TEA, também devem ser consideradas e investigadas, seja pela frequência com que ocorrem, seja pela dificuldade de manejo que geram. Por exemplo: perda de competências previamente adquiridas, alterações do sono, ataques de raiva, alterações da função alimentar (seletividade, recusa, regurgitação) (Brasil, 2015, p. 51).

Contudo, ao falar do caso de Donald T., é importante ressaltar que foi a primeira pessoa a ter recebido o diagnóstico de autismo no mundo, e o estudo do seu caso se tornou importante por ser o primeiro caso publicado cientificamente, sendo o psiquiatra Leo Kanner quem o diagnosticou, trouxe importantes questões e comportamentos notáveis do autismo baseado na sua história. Vale ressaltar a importância dos comportamentos notáveis no contexto familiar de Donald T., sobre o relato da vivência dos pais e a descoberta do diagnóstico (Bertin *et al.*, 2021).

Conforme o CDC - Centro de Controle e Prevenção de Doenças, a prevalência de pessoas com TEA vem aumentando com o decorrer dos anos, e conforme com a última publicação em 2023 nos Estados Unidos, 1 em cada 36 crianças são diagnosticadas com TEA, estimando 5.641.132 autistas no país. Segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria, no Brasil possui cerca de dois milhões de pessoas autistas (Bertin *et al.*, 2021).

Conforme o Manual do Direito – Pessoas com Autismo, publicado em 2021, no Brasil, foram criadas diversas leis para proteger e garantir os direitos de pessoas diagnosticadas com o TEA, garantindo acesso a um tratamento de qualidade, inclusão escolar e seus direitos, sendo elas:

- Lei (nº 12.764/2012) conhecida como Lei Berenice Piana institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno Espectro Autista, determinando também acompanhamento especializado em sala de aula. Dessa forma, crianças diagnosticadas com TEA tem direito garantido por lei para serem inseridos no ambiente escolar, e foi decretado que em casos comprovados da necessidade de a criança ter um acompanhamento específico em sala de aula os responsáveis podem recorrer por ser um direito

garantido por lei (Bertin *et al.*, 2021).

- Lei (n° 13.146/2015) garante uma inclusão e proteção contra qualquer forma de discriminação, garantindo inclusão no trabalho, direitos iguais, acesso em ambientes e serviços de saúde (Bertin *et al.*, 2021).
- Lei (n°13.977/20) conhecida como Lei Romeo Mion, criou a Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Essa lei é federal, ou seja, válida em todo o Brasil, facilitando o acesso e direitos básicos da pessoa (Bertin *et al.*, 2021).

## 2.2 DIAGNÓSTICO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E SUAS REPERCUSSÕES PARA A FAMÍLIA

O diagnóstico do TEA é um processo que abrange diversas etapas e envolve, principalmente, a família. Os primeiros sintomas começam a aparecer durante a primeira infância, e cabe a família, tutora inicial, a percepção dos comportamentos atípicos. Cada família vivencia essa jornada de maneira única, “o início do quadro se dá nos primeiros anos de vida, podendo se apresentar por meio de um atraso na aquisição dos marcos de desenvolvimento social – sendo que o atraso de fala tende a ser a primeira preocupação dos pais” (Camargos, 2022, p. 17).

O comportamento da criança com TEA é bastante característico, segundo Pinto e outros autores (2016, p. 2), “a criança com TEA apresenta uma tríade singular, a qual se caracteriza pela dificuldade e prejuízos qualitativos da comunicação verbal e não verbal, na interatividade social e na restrição do seu ciclo de atividades e interesses”, a combinação desses três elementos cria um perfil único de comportamento e desenvolvimento reconhecido como característico do TEA. No entanto, essas características não são uniformes em todas as crianças, variando amplamente em intensidade e manifestação (Pinto *et al.*, 2016).

A observação dos pais sobre o comportamento da criança é crucial para o diagnóstico, através do contato diário e íntimo com a criança, podem notar os comportamentos ou atrasos no desenvolvimento da criança que diferem do esperado, como: dificuldades na comunicação, na interação social, ou comportamentos repetitivos e restritivos, que quando feito de forma precoce é essencial para o desenvolvimento de estratégias de apoio e tratamento que podem melhorar significativamente os resultados a longo prazo na vida da criança (Camargos, 2022).

O momento do diagnóstico é marcante para a família, receber a notícia pode desencadear uma série de reações emocionais e mudanças significativas no contexto familiar, sendo um momento de extrema sensibilidade e desafios para a família, nas palavras de Fontana, Pereira e Rodrigues (2020, p. 6339).

A revelação diagnóstica do autismo é um momento complexo, delicado e desafiador para a família. Sabemos que o meio onde a criança está inserida associado às demais condições podem interferir positivamente ou não. Os pais têm expectativas em relação ao filho, e quando estas expectativas não são alcançadas, há muito sofrimento familiar, sendo de difícil aceitação. O processo de aceitação do diagnóstico, especificamente por parte dos pais, pode se tornar mais difícil devido à falta de conhecimento acerca do Transtorno.

É importante ressaltar também que o processo de aceitação do diagnóstico, especialmente pelos pais, pode ser ainda mais desafiador devido à falta de compreensão sobre o TEA.

O processo de aceitação do diagnóstico, especificamente por parte dos pais, tornou-se mais difícil devido ao desconhecimento acerca da síndrome, o que fortalece a concepção da necessidade de um melhor apoio, atenção e orientação por parte do profissional que noticiará a descoberta do autismo (Pinto et al., 2016, p.6).

A falta de compreensão sobre os sintomas, características e necessidades associadas ao TEA pode gerar confusão, negação e até mesmo culpa entre os pais. Devido a isso, esse desconhecimento pode criar barreiras significativas no processo de aceitação e adaptação à realidade do diagnóstico. Dessa forma, é importante que os profissionais de saúde envolvidos no processo de diagnóstico e notificação do autismo ofereçam apoio, atenção e orientação adequadas, para que assim, ocorra uma compreensão eficaz sobre a nova realidade podendo facilitar tanto a aceitação do diagnóstico quanto o desenvolvimento do prognóstico, com maior entendimento e apoio, os pais podem aprender a abraçar as características únicas de seus filhos e a reconhecer o valor e potencial que eles possuem (Camargos, 2022).

Após o recebimento do diagnóstico, o primeiro acolhimento profissional é essencial para se lidar com os impactos emocionais. Então, inicia-se para as famílias um verdadeiro percurso de tratamento por diversos especialistas. As áreas mais apontadas como indicadas pelos médicos são Psicologia, Fonoaudiologia, Terapia Ocupacional e Fisioterapia (Camargos, 2022, p.17).

O primeiro acolhimento profissional é de extrema importância para ajudar a família a lidar com os impactos emocionais, mediante de um acolhimento empático e informado pode fazer uma grande diferença na forma como a família processa e

responde ao diagnóstico, além dos profissionais de saúde, educadores e grupos de apoio que desempenham um papel crucial nesse processo, fornecendo orientação especializada, compartilhando experiências semelhantes e oferecendo um espaço seguro para expressar preocupações e emoções, logo após esse momento de assimilação da realidade, as famílias geralmente embarcam em um percurso de tratamento multidisciplinar, sendo fundamental para garantir que a criança receba o suporte necessário em todas as áreas de seu desenvolvimento (Camargos, 2022).

Por fim, Thais Vital de Camargos, em seu artigo de 2022, considera o processo de diagnóstico do autismo sendo um momento que traz grande complexidade e desafio para a família, a aceitação do diagnóstico é um processo gradual que pode ser facilitado pela educação, apoio profissional e uma rede de suporte forte, com o apoio adequado e estratégias de adaptações, as famílias podem criar um ambiente onde a criança com TEA possa crescer e desenvolver seu potencial ao máximo.

### 2.3 O IMPACTO EMOCIONAL DO DIAGNÓSTICO DE TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA FAMÍLIA

O diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista em uma criança representa um marco de grande impacto e transformação para a família. Esta informação causa uma série de reações emocionais e adaptações necessárias, que requerem um grande esforço e dedicação dos pais e demais membros da família. Um ponto forte é a aceitação, conforme apresentado por Martins, *et al.* (2022).

O processo de aceitação é difícil para todos os familiares, especialmente para os pais, grande parte disso vem da falta de informação sobre o TEA. Porém, vem sendo estudado cada vez mais, especialmente por envolver grandes variações de sintomas e intensidade deles, além de envolver aspectos sociais, familiares, políticos, educacionais e terapêuticos (Martins et al., 2022, p. 7).

Após o diagnóstico, os pais são confrontados com a necessidade de adequar os planos, expectativas e sonhos futuros às limitações e particularidades da condição da criança. Mas tendo em mente que *“a família não deve abrir mão de seu lazer, de seu bem-estar e de seus limites (Brasil, 2000, p.9)”*. Isto representa um desafio relevante, pois requer a revisão e a reestruturação de objetivos e aspirações que haviam sido construídos e projetados anteriormente ao surgimento do TEA (Silva et al., 2018).

Conforme o estudo de Silva *et al.* (2018), o diagnóstico de TEA em um filho pode causar um impacto devastador para os pais, o que resulta em um profundo sentimento de luto pelo filho ideal. Eles precisam lidar com a perda de expectativas e planos em relação à criança, acompanhadas de emoções intensas, como o choque, a negação, a raiva, a culpa e a tristeza. Essa situação representa uma verdadeira ruptura no percurso esperado pela família, obrigando-os a se adaptarem a uma realidade que não estava em seus planos originais. Os pais precisam reajustar suas expectativas e construir uma nova compreensão sobre a criança real, um processo extremamente desafiador que demanda grande esforço emocional.

De acordo com Maia *et al.* (2016) no estudo sobre a importância do acolhimento aos pais de crianças com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA), o luto passa por quatro estágios, conforme demonstrado no Quadro 1 abaixo.

Quadro 1 - Fases do luto

<b>1ª fase</b>	É de choque, acompanhado de choro, manifestando sentimentos de desamparo e ânsia por fugir.
<b>2ª fase</b>	Há descrença e negação da situação.
<b>3ª fase</b>	Há tristeza e ansiedade manifestada por muito choro e raiva.
<b>4ª fase</b>	Há o equilíbrio, caracterizado pela admissão de que a condição existe.
<b>5ª fase</b>	Reorganização, mediante reintegração e reconhecimento familiar desse filho.

Fonte: Maia et al. (2016)

Além do impacto emocional, o diagnóstico de autismo também representa a necessidade de adaptações significativas na rotina, na dinâmica familiar e nos planos. É necessário que os pais aprendam a lidar com as demandas e necessidades especiais da criança, o que requer um grande investimento de tempo, energia e atenção. Essa sobrecarga física, emocional e psicológica pode acarretar altos níveis de estresse, ansiedade e esgotamento para os pais e demais membros da família. É fundamental que eles recebam suporte, orientação e

recursos para enfrentarem os desafios e se adaptarem a essa nova realidade (Silva *et al.*, 2018).

De acordo com Schmidt, Dell'Aglio e Bossa (2007), a situação das mães de crianças com autismo requer um cuidado especial, uma vez que elas enfrentam diversos desafios emocionais e práticos que requerem um apoio adequado. Primeiramente, como mencionado em seu trabalho, as mães apresentam reações emocionais mais intensas, com níveis mais elevados de estresse e ansiedade. Isso se deve, em parte, a uma expectativa cultural e social que muitas vezes coloca as mães no papel principal de responsabilidade pelos cuidados com os filhos.

Os resultados demonstram que as mães tendem a apresentar maior risco de crise e estresse parental que os pais, devido à sua pesada tarefa com os cuidados maternos diretos. Conforme estes autores, existe uma expectativa social de que as mães tomem para si os cuidados da criança, assumindo-os mais do que os pais (Schmidt *et al.*, 2007).

Essa demanda cultural pode levar a sobrecarrega, as mães na maioria das vezes precisam lidar não apenas com os efeitos emocionais do diagnóstico de autismo, mas também com a intensa dedicação e atenção que a criança requer, o que pode causar um desgaste físico e mental significativo. Além disso, é frequente que as mães necessitem renunciar às suas próprias necessidades e projetos pessoais para se dedicar inteiramente aos cuidados com o filho. Isso pode afetar sua saúde, suas relações interpessoais e sua própria realização profissional e social (Silva *et al.*, 2018).

Sendo assim, é crucial que haja um suporte especializado e abrangente para as mães de crianças autistas. Elas necessitam de recursos, orientações e rede de apoio que as ajudem a lidar com os desafios emocionais e práticos, desenvolvendo estratégias de enfrentamentos saudáveis. Somente com o auxílio adequado, as mães poderão encontrar um equilíbrio entre os cuidados com o filho e o bem-estar pessoal, evitando o esgotamento e garantindo a qualidade de vida (Silva *et al.*, 2018).

Esse apoio é indispensável para que elas possam desempenhar sua função de maneira mais saudável e eficiente. Dessa forma, a condição das mães de crianças autistas requer uma atenção especial, tendo em vista os desafios emocionais e práticos que elas enfrentam em função de uma demanda cultural e

social que ainda as atribui um papel predominante nos cuidados com os filhos (Silva *et al.*, 2018).

Apesar disso, tanto os pais quanto as mães enfrentam muitos desafios ao cuidar de uma criança autista, sendo assim, é importante perceber que ambos os pais têm papéis essenciais no cuidado. Ainda que, as mães possam ser vistas como tendo mais responsabilidades devido a padrões sociais construídos com o passar dos anos, os pais desempenham um papel fundamental no apoio emocional, na tomada de decisões e na realização de cuidados práticos. Certamente, uma abordagem cooperativa entre os dois pais precisa ser abordada para o bom funcionamento das atividades do dia a dia (Freitas, Oliveira, Silva, 2024).

A sociedade está gradualmente se tornando mais consciente das necessidades das crianças com autismo, mas ainda há um longo caminho a percorrer a respeito do papel dos cuidadores e a valorização das funções que realizam. O discurso social sobre as mães como principais cuidadoras de filhos com autismo é complexo, envolvendo expectativas culturais e históricas dos papéis de gênero, desafios emocionais e a necessidade de reconhecimento. Para apoiar essas mães, é crucial promover uma maior conscientização sobre o papel dos pais em geral e a importância de redes de apoio que aliviem a carga sobre as mães (Anjos; Morais, 2021).

O acolhimento e o apoio de profissionais da saúde têm um papel crucial no processo de adaptação e enfrentamento dos pais diante do diagnóstico de autismo em seus filhos. A informação correta faz toda diferença (Maia *et al.*, 2016).

À família cabe buscar estar sempre informada e, ao profissional, cabe corresponder a essa expectativa, não somente informando sobre os serviços disponíveis na comunidade, mas também orientando os tratamentos adequados aos pacientes e suas famílias (Brasil, 2000, p. 14).

Os autores enfatizam a relevância de uma abordagem empática e acolhedora no momento do diagnóstico, visando orientar e apoiar os pais durante este período de intensas emoções, sendo assim afirmam que

“[...] a importância do acolhimento dos pais cujos filhos receberam o diagnóstico de TEA. Os autores afirmam que o apoio pode evitar o sofrimento e a solidão dos familiares, além de ampliar as possibilidades de colaboração e de sucesso na assistência ao familiar com TEA” (Maia *et al.*, 2016, p 4).

O acolhimento vai muito além da simples troca de informações técnicas. Ele requer que seja criado um ambiente de escuta ativa, validação dos sentimentos e

fornecimento de estratégias de enfrentamento. Os profissionais devem estar preparados para lidar com as reações emocionais dos pais, que podem oscilar entre choque, negação, tristeza e angústia.

Ao oferecer esse suporte emocional, os autores ressaltam que os profissionais de saúde ajudam os pais a compreenderem melhor o diagnóstico, esclarecer dúvidas e desenvolver uma perspectiva mais realista e positiva sobre o futuro do seu filho. Isso é essencial para que eles possam começar a planejar os próximos passos e buscar os cuidados e intervenções necessárias (Maia *et al.*, 2016).

O acolhimento profissional deve se estender ao longo de todo o processo de desenvolvimento da criança com autismo. Nesse sentido, os profissionais desempenham um papel fundamental ao fornecer informações atualizadas, apoio emocional e encaminhamentos para serviços especializados e amplo (Maia *et al.*, 2016).

No entanto, faz-se necessário contar com uma equipe multiprofissional para orientar e avaliar, considerando o acolhimento como um processo a ser desenvolvido antes, durante e após o atendimento. O trabalho em equipe, quando feito com qualidade e eficiência, proporciona resultados mais satisfatórios em relação à saúde e ao bem-estar físico, psicológico, social e emocional das pessoas (Maia *et al.*, 2016, p 4).

O acolhimento é definido como um processo que deve ser desenvolvido continuamente antes, durante e depois do atendimento inicial. A continuidade do suporte e acompanhamento é crucial para que as famílias se sintam adequadamente apoiadas e possam lidar de forma mais saudável com os desafios impostos pelo diagnóstico (Maia *et al.*, 2016).

No contexto da adaptação familiar diante do diagnóstico de TEA, é crucial reconhecer que os cuidadores desempenham um papel fundamental na gestão dos desafios emocionais que surgem. A atuação desses cuidadores, sejam eles pais, avós ou outros responsáveis, é essencial para proporcionar suporte e estabilidade emocional à criança com TEA, bem como para fortalecer o ambiente familiar como um todo. Nesse sentido, a capacitação e o suporte oferecidos aos cuidadores desempenham um papel crucial (Maia *et al.*, 2016).

Programas de orientação e acompanhamento psicológico podem fornecer ferramentas valiosas para que os cuidadores compreendam o diagnóstico, desenvolvam estratégias de enfrentamento saudável e aprendam a lidar com as demandas cotidianas associadas ao TEA. Ao capacitar emocionalmente os cuidadores e fornecer-lhes uma rede de suporte sólida, é possível minimizar o

impacto negativo do diagnóstico e promover o bem-estar da família como um todo. Essas ações são fundamentais para fortalecer a adaptação familiar e proporcionar um ambiente acolhedor e sustentador para a criança com TEA (Maia *et al.*, 2016).

O trabalho em grupo, quando executado com qualidade e eficiência, gera resultados mais favoráveis à saúde e ao bem-estar físico, psicológico, social e emocional das pessoas atendidas. Essa abordagem interdisciplinar possibilita uma visão ampla das necessidades das famílias e a implementação de estratégias mais completas e efetivas de assistência.

#### 2.4 PROPORCIONANDO UM CAMINHO DE ASSISTÊNCIA E COMPREENSÃO ÀS FAMÍLIAS DE CRIANÇAS ATÍPICAS

Crianças diagnosticadas com transtorno de neurodesenvolvimento, em particular com Transtorno do Espectro Autista, apresentam um impacto significativo para toda a família, afetando, assim, a vida familiar. Ao longo do trabalho, foi possível analisar os desafios enfrentados por essas famílias e discutir estratégias de assistência e compreensão, usando como referência diversos autores.

O estudo sobre o cuidado às famílias de crianças com TEA revela a complexidade da profissão de saúde. Os profissionais identificaram que a família da criança com TEA tem necessidades relacionadas às demandas geradas pelo cuidado, o que demonstra a relevância de um suporte adequado. Além disso, os resultados demonstram que fatores que interferem no cuidado à família, como a sobrecarga de trabalho e a falta de experiência profissional, demonstram a fragilidade da assistência multiprofissional. Dessa forma, o estudo conclui que é imperativo rever o funcionamento e a organização da rede para o cuidado multiprofissional da criança juntamente com sua família, sugerindo uma reestruturação para melhor atender a essas famílias (Bonfim *et al.*, 2023).

As famílias com crianças atípicas enfrentam uma série de desafios diários que afetam sua dinâmica financeira, saúde mental e, em alguns casos, a sua conexão social. Segundo Bonfim *et al.* (2023, p 2) estes autores afirmam que

A complexidade do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e suas manifestações na primeira infância, como por exemplo o comprometimento na comunicação, interação social e comportamentos repetitivos, geram demandas específicas de cuidado para as famílias. Tais demandas exigem tempo, energia e dedicação quase que exclusiva à criança e, por vezes, o estabelecimento de um familiar como cuidador

principal, o que leva à renúncia de diferentes aspectos da vida pessoal ou profissional para proporcionar o melhor cuidado à criança. Essas famílias estão sujeitas ao estresse parental devido a problemas financeiros, à ansiedade relacionada ao futuro da criança, à ausência de suporte social, às diferentes implicações que a condição de saúde impõe para o grupo e ao aumento da sobrecarga de cuidado.

Além disso, o autor salienta que as dificuldades típicas do TEA, como problemas de comunicação e interação social, requerem um cuidado especial e especializado. Essa necessidade pode exigir que um membro da família se torne o cuidador principal, o que, muitas vezes, implica em sacrifícios em outras áreas da vida, como a carreira e a vida social. Ademais, destaca que as famílias enfrentam estresse por diversos fatores, como preocupações financeiras e incertezas quanto ao futuro da criança. A falta de apoio social e as exigências adicionais para tratar de uma criança com TEA também aumentam a pressão sobre os cuidadores. Em suma, o texto ilustra como o TEA impacta não apenas a criança, mas toda a dinâmica familiar, gerando uma série de desafios emocionais e práticos (Bonfim *et al.*, 2023).

O diagnóstico de TEA não é apenas um marco clínico, mas um evento que desencadeia uma série de transformações emocionais e práticas na vida familiar. Como abordado no trabalho, a aceitação do diagnóstico é um processo gradual que pode ser facilitado pela educação, apoio profissional e uma rede de suporte forte. Essa afirmação ressalta a importância de que as famílias tenham acesso a recursos que ajudem na compreensão e aceitação do diagnóstico (Camargos, 2022).

Sendo assim, a assistência a essas famílias requer uma abordagem que atenda a todos, considerando as necessidades e os desafios enfrentados por todos. Os resultados do estudo mostram ações focadas em situações pontuais e sem atrasos no diagnóstico, sobretudo nas demandas e necessidades advindas do cuidado com a criança e de seu comportamento atípico. Essa abordagem pontual, apesar de ser necessária, pode ser frágil para a inclusão da família no processo de cuidado, o que demonstra a relevância de um suporte mais amplo (Bonfim *et al.*, 2023).

Os pais estão preocupados por não detectarem sinais precoces ou por não serem capazes de oferecer o suporte necessário de forma imediata. A falta de clareza sobre o que está acontecendo com seus filhos gera uma sensação de incerteza e ansiedade que, com o decorrer do tempo, pode se transformar em problemas mais graves, como depressão ou burnout parental.

Conforme os autores Gomes *et al.* (2014)

Apesar disso, observa-se que a decisão terapêutica e a postergação diagnóstica ainda são fontes de estresse para os parentes e cuidadores da criança com TEA e induz sentimento de impotência e desesperança por parte dos pais. Três estudos (30%), incluindo um de alta qualidade metodológica, evidenciaram a postergação diagnóstica como fator desencadeante do estresse familiar (Gomes *et al.*, 2014).

O atraso no diagnóstico não só prejudica o desenvolvimento da criança, como também afeta os pais, que, muitas vezes, enfrentam sentimento de frustração, angústia e estresse. Dessa forma, é crucial que profissionais de saúde ajudem essas famílias com apoio e orientação para a convivência diária com a criança diagnosticada com TEA e, eventualmente, com práticas complementares e opcionais, uma vez que os longos e/ou permanentes períodos de dedicação exigidos da família para com essas crianças, em muitos casos, resultam na diminuição das atividades de trabalho, lazer e até mesmo na negligência nos cuidados com a saúde dos outros membros da família (Gomes *et al.*, 2014).

A relevância do diagnóstico precoce é um ponto crucial, pois permite intervenções que podem melhorar significativamente o desenvolvimento da criança e a qualidade de vida da família. Como mencionado por Russo (2023) que, quanto mais cedo a criança estiver em tratamento, maiores as chances de melhoras em alguns aspectos no seu desenvolvimento. A pesquisa evidencia que, ao enfrentar o desafio do TEA, as famílias não devem se sentir isoladas, ao contrário, devem ser encorajadas a buscar apoio profissional e a construir redes de suporte que promovam a compreensão e a aceitação (Pinto *et al.* 2016).

A sobrecarga financeira é outro ponto crucial que poderá afetar significativamente os recursos das famílias, devido ao custo das intervenções terapêuticas, consultas médicas e outras especificidades necessárias para o desenvolvimento de uma criança atípica. Como sugere o estudo sobre o autismo no Brasil, elas têm que renunciar a oportunidades profissionais ou educacionais para se dedicar inteiramente ao cuidado de seus filhos. O impacto dessa decisão reflete-se em toda a família, afetando a qualidade de vida, tanto em termos emocionais quanto econômicos (Gomes *et al.*, 2014).

À medida que famílias com crianças atípicas desenvolvem estratégias de enfrentamento distintas. O artigo "Autismo no Brasil" identifica diversas maneiras de lidar com os impactos. Dentre as estratégias apresentadas, uma das mais relevantes é o uso de redes de apoio social, sejam elas formais ou informais.

Grupos de apoio a pais de crianças com autismo, por exemplo, oferecem não apenas suporte emocional, mas também trocam valiosas informações sobre terapias, direitos e serviços disponíveis (Gomes *et al.*, 2014).

Esses grupos oferecem um ambiente seguro para os pais compartilharem suas preocupações, inseguranças e conquistas, sem medo de serem julgados. Muitos pais encontram, nesses grupos, uma sensação de pertencimento que não têm em outros contextos sociais. Isso é crucial para sua saúde emocional, uma vez que o isolamento social é uma realidade comum entre famílias de crianças atípicas.

Outra estratégia é buscar auxílio profissional para lidar com o impacto psicológico do diagnóstico na vida dos pais e cuidadores. Os psicólogos podem desempenhar um papel fundamental no auxílio a essas famílias, auxiliando-as a desenvolver habilidades de enfrentamento emocional, reestruturando as suas expectativas em relação ao futuro de seus filhos e desenvolvimento de habilidades para ajudar no manejo da criança autista. Além disso, o aconselhamento profissional pode contribuir para a criação de uma nova dinâmica familiar, na qual os pais e outros membros da família aprendem a lidar com as necessidades específicas da criança (Gomes *et al.*, 2014).

Além disso, a necessidade de políticas públicas eficazes e de uma educação inclusiva é fundamental para garantir que as crianças com TEA sejam integradas na sociedade de maneira justa e equitativa. A colaboração entre profissionais de saúde, educadores e a comunidade é vital para criar um ambiente que favoreça o desenvolvimento das crianças e o bem-estar das famílias (Lindolfo, 2022).

Outro ponto relevante a ser destacado é a necessidade de políticas públicas que tornem acessível esses serviços de apoio e terapia para famílias com crianças atípicas. No Brasil, a falta de políticas integradas que atendam tanto às crianças quanto às famílias constitui uma barreira significativa. Em muitos casos, o tratamento foca-se apenas na criança, sem levar em conta que o bem-estar familiar também é importante para o desenvolvimento (Bonfim *et al.*, 2023).

A oferta de assistência e compreensão às famílias com crianças atípicas requer uma abordagem multifacetada. Não se trata apenas de atender às necessidades médicas das crianças, mas também de desenvolver um sistema de suporte abrangente para as famílias. O objetivo é facilitar o diagnóstico precoce e o tratamento adequado, bem como criar redes de apoio emocional e social para os pais (Bonfim *et al.*, 2023).

A inclusão de crianças atípicas na sociedade deve começar dentro da família e ser aprimorada mediante políticas públicas eficazes, educação inclusiva e conscientização social. A partir de uma combinação de esforços individuais, comunitários e governamentais, será possível fornecer às famílias de crianças atípicas o suporte necessário para que elas possam desenvolver todo o seu potencial (Bonfim *et al.*, 2023).

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os resultados mostram que o diagnóstico de TEA gera diversas adaptações e desafios para os membros da família, especialmente para os pais, que frequentemente lidam com sobrecarga emocional e física. A pesquisa destaca a necessidade de suporte contínuo por uma equipe multidisciplinar, envolvendo profissionais de saúde e da educação, para auxiliar as famílias na adaptação à nova realidade. Além disso, o trabalho enfatiza que a aceitação do diagnóstico e o acesso a informações adequadas são fundamentais para que os pais desenvolvam estratégias saudáveis de enfrentamento.

Conclui-se que a inclusão de crianças com TEA na sociedade deve ter início no ambiente familiar e deve ser apoiada por políticas públicas eficazes e educação inclusiva. A colaboração entre esforços individuais, comunitários e governamentais é crucial para garantir que as famílias recebam o suporte necessário, promovendo o desenvolvimento positivo das crianças e o bem-estar familiar ao longo desse processo. Assim, a abordagem integrada e o suporte contínuo são essenciais para enfrentar os desafios trazidos pelo diagnóstico do TEA, assegurando que as famílias possam prosperar.

Portanto, é imperativo que continuemos a promover a conscientização sobre o TEA e a importância do suporte familiar. Como demonstrado ao longo do trabalho, a combinação de esforços individuais e coletivos pode transformar desafios em oportunidades de crescimento e desenvolvimento, tanto para as crianças quanto para suas famílias.

## REFERÊNCIAS

APA. American Psychiatric Association. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM 5** - TR. Porto Alegre – RS: Artmed, 2023.

APA. American Psychiatric Association. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5a ed. Porto Alegre - RS: Artmed, 2014.

BONFIM, Tássia de Arruda; GIACON-ARRUDA, Bianca Cristina Ciccone; GALERA, Sueli Aparecida Frari; TESTON, Elen Ferraz; NASCIMENTO, Francisneide Gomes Pego Do; MARCHETI, Maria Angélica. Assistência às famílias de crianças com Transtornos do Espectro Autista: percepções da equipe multiprofissional. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. [S.l], 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rlae/article/view/209373>. Acesso em: 10 out. 2024.

CAMARGOS, Thais Vital De. **Estudo de caso: em uma criança autista e a trajetória de diagnóstico e tratamento**. Repositório Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/53321>. Acesso em: 27 maio 2024.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. **Manual dos direitos da pessoa com autismo**. São Paulo, 2021. Disponível em: [Manual-dos-Direitos-da-Pessoa-com-Autismo.pdf](#). Acesso em: 1 out. 2024.

FONTANA, L. B.; PEREIRA, D. de S.; RODRIGUES, T. P. O impacto do transtorno autista nas relações familiares. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 3, p. 6336–6340, 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/11638>. Acesso em: 3 jun. 2024.

GAIATO, M.; TEIXEIRA, G. **O rezinho autista: guia para lidar com comportamentos difíceis**. nVersos Editora: São Paulo, 2018. Disponível em:

<https://proinclusao.ufc.br/wp-content/uploads/2020/05/o-reizinho-autista.pdf>. Acesso em: 17 set. 2024.

GOMES, PaulyaneTM; LIMA, Leonardo HL; BUENO, Mayza KG; ARAÚJO, Liubiana A.; SOUZA, Nathan M. Autismo no Brasil, desafios familiares e estratégias de superação: revisão sistemática. **Jornal de Pediatria**. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jped/a/wKsNY3ngvLDcRZ5bxWCn47v/?lang=pt>. Acesso em: 10 de out. 2024.

JOHN, D.; ZUCKER, C. **Outra Sintonia: A história do autismo**. Tradução: Luiz A. De Araújo. São Paulo: Companhia de Letras, 2017. Disponível em: [Outra sintonia\\_ a história do autismo.pdf](#). Acesso em: 1 out. 2024.

KLIM, Ami. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 28, n. 3, p.3-11, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/jMZNBhCsndB9Sf5ph5KBYGD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 4 nov. 2024.

KWANT, D. F. Autismo e Agressão. **Canal Autismo**, 2020. Disponível em: [Autismo e agressão - Canal Autismo - -](#). Acesso em: 17 set. 2024.

LACERDA, Renata de. A experiência do sofrimento: um estudo fenomenológico. **Revista de Psicologia**, Montevideu, v. 1, n. 1, p. 1-12, 2021. Disponível em: [http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1688-42212021000101203](http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1688-42212021000101203). Acesso em: 17 set. 2024.

LIMA, Maria da Conceição; SILVA, João Carlos da. Vivência e cuidados de pais e familiares com indivíduos autistas. **Revista de Fisioterapia**, v. 10, n. 1, p. 1-10, 2024. Disponível em: <https://revistaft.com.br/vivencia-e-cuidados-de-pais-e-familiares-com-individuos-autistas/>. Acesso em: 17 set. 2024.

MAIA, F. A.; ALMEIDA, M. T. C.; OLIVEIRA, L. M. M.; OLIVEIRA, S. L. N.; SAEGER, V. S. A.; OLIVEIRA, V. S. D.; SILVEIRA, M. F. Importância do acolhimento de pais que tiveram diagnóstico do transtorno do espectro do autismo de um filho. **Cad. saúde colet.**, v. 24, n. 2, p. 228-234, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadsc/a/n6ZpCNpT9cSjLWVxVvVrYMr/?format=pdf>. Acesso em: 10 jun. 2024.

MARTINS, Maria V.B.S; SANTOS, Jhennifer K.M; LIMA, Josemir A. **O impacto do diagnóstico do transtorno do espectro autista na vida familiar**. 2022, v.11. **Research, Society and Development**- Centro Universitário Cesmac, Brasil, 2022. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/366245050\\_O\\_impacto\\_do\\_diagnostico\\_do\\_transtorno\\_do\\_espectro\\_autista\\_na\\_vida\\_familiar](https://www.researchgate.net/publication/366245050_O_impacto_do_diagnostico_do_transtorno_do_espectro_autista_na_vida_familiar). Acesso em: 19 maio 2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Autismo: orientação para pais**. 2000, p.1-41. Disponível em: [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd03\\_14.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd03_14.pdf). Acesso em: 20 maio 2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Especializada e Temática. **Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. Disponível em: [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/linha\\_cuidado\\_atencao\\_pessoas\\_transtorno.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/linha_cuidado_atencao_pessoas_transtorno.pdf): Acesso em: 17 set. 2024.

PAIVA, F. Prevalência de Autismo: 1 em 36 é o novo número do CDC nos EUA. **Canal Autismo**, 2023. Disponível em: Prevalência de autismo: 1 em 36 é o novo número do CDC nos EUA - Canal Autismo. Acesso em: 1 out. 2024.

PASSOS, B. C.; KISHIMOTO, M. S. C. O impacto do diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista na família e relações familiares. **Brazilian Journal of Development**, v. 8, n. 1, p. 5827–5832, 2022. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/43094>. Acesso em: 2 jun. 2024.

PINTO, R. N. M. et al. Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v.37, n. 3, p. e61572, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rngenf/a/Qp39NxcyXWj6N6DfdWWDDrR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 6 mai. 2024.

PRISTA, R. M. Autista fala e pensa: um estudo sobre a mediação da Maternagem e paternagem. Rio de Janeiro: **Revista do NESME**, 2014. v. 11.

SCHMIDT, C., DELL' AGLIO, D. D. BOSSA, C. A. Estratégias de Coping de Mães de Portadores de Autismo: Lidando com Dificuldades e com a Emoção. **Rev. Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 20, n. 1, p. 124-131, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/DTtdLRxCpyZwwCbTZmVCPnb/?format=pdf>. Acesso em: 26 mai. 2024.

SILVA, E. P. C. **Os impactos do diagnóstico do transtorno do espectro autista na família**. Repositório Centro Universitário UNDB, Nov, 2021. Disponível em: <http://repositorio.undb.edu.br/jspui/handle/areas/623>. Acesso em: 2 jun. 2024.

SILVA, J. C. A. O impacto que ocorre nas famílias após o diagnóstico do transtorno do espectro autista na criança: o luto pelo filho idealizado. **Rev. Dissertar**, v. 1, n. 28, p. p. 44 – 55, 2018. Disponível em: <https://revistadisserta>. Acesso em: 26 mai. 2024.

SILVA, Rafael. **Cerca de 2 milhões de pessoas vivem com o autismo no Brasil**. Correio Braziliense, Brasília, 02 abr. 2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2022/04/4997766-cerca-de-2-milhoes-de-pessoas-vivem-com-o-autismo-no-brasil.html>. Acesso em: 17 set. 2024.

STRAVOGIANNIS, A. L. **Autismo: uma nova maneira de ser.** Literare Books International LTDA. São Paulo, 2023. Disponível em: [Autismo Uma Maneira Diferente De Ser.pdf](#). Acesso em: 17 set. 2024.